

**pesquisa,
alteridade e
experiência:**
metodologias minúsculas





Copyright © 2019 Adrienne Ogêda Guedes & Tiago Ribeiro
Copyright © 2019 Ayvu

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO

Adrienne Ogêda Guedes (UNIRIO)
Alberto Roiphe (UFS)
Aline Dornelles (FURG)
Ana Regina e Souza Campello (INES)
Carmen Sanches Sampaio (UNIRIO)
Carlos Skliar (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Argentina)
Elizabeth Orofino (UFPA)
Fábio Mariani (IFMT)
Francisco Ramallo (Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina)
Gary Anderson (New York University, EUA)
Ido Carvalho (Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde)
Iris Verena Oliveira (UFBA e UNEB)
Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (UERJ/FFP)
José Domingo Contreras (Universitat de Barcelona, Espanha)
Leonardo Peluso (Universidad de la Republica, Uruguai)
Neila Ruiz Alfonzo (CPII)
Rafael Marques Gonçalves (UFAC)
Ricardo Janoario (INES)
Valdeney Lima da Costa (UESPI)

PROJETO GRÁFICO DA CAPA

Rafael de Souza

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Rafael de Souza

REVISÃO

Mirna Juliana Fonseca
Tiago Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

P474 Pesquisa, alteridade e experiência : metodologias
minúsculas / orgs. Adrienne Ogêda Guedes e Tiago
Ribeiro. — Rio de Janeiro : Ayvu, 2019.
304 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-54017-06-4

1. Educação. 2. Pesquisa - Metodologia.
3. Pesquisa educativa. I. Guedes, Adrienne Ogêda.
II. Ribeiro, Tiago. III. Título.

CDD 370.7

Direitos desta edição reservados à editora Ayvu
Proibida a reprodução total e parcial

ayvu

ayvueditora.com | contato@ayvueditora.com

Esta obra foi avaliada por um pesquisador integrante do Conselho Editorial Acadêmico da editora e um parecerista *Ad hoc*.



SUMÁRIO

11 Prefácio

Marisa Vorraber Costa

15 Apresentação

Tiago Ribeiro

Adrienne Ogêda Guedes

Capítulo 1

19 Revelar-se ou ocultar-se?
apontamentos para pensar
a pesquisa educativa

Adrienne Ogêda Guedes

Tiago Ribeiro

Capítulo 2

47 A pesquisa em círculos tecida:
ensaios de metodologia errante

Luciana Esmeralda Ostetto

Capítulo 3

73 Linhas, tramas, cartografias e dobras:
uma outra geografia nos cotidianos
das pesquisas

Eduardo Simonini

Capítulo 4

- 93 Cartas e conversações:
uma experiência de “pesquisaescrita”
na diferença

Daiana Pilar Andrade de Freitas Silva
Anelice Ribetto

Capítulo 5

- 113 A pesquisa narrativa:
uma abordagem teórico-metodológica sobre
o silêncio do existir e o mistério da palavra

Iduina Mont’Alverne Chaves
Marcio Mori

Capítulo 6

- 149 A autoetnografia como modo de habitar
sensibilidades e sentidos da
investigação narrativa

Luis Porta
Jonathan Aguirre

Capítulo 7

- 187 Infâncias, cidades, (in)visibilidades:
metodologias de pesquisa em construção

Rita Marisa Ribes Pereira
Fernanda de Azevedo Milanez
Juliana Botelho Viegas

Capítulo 8

- 217 Experienciar o pensar, pensar a experiência:
notas sobre um coletivo de
pesquisa em educação

Walter Kohan
Simone Berle

Capítulo 9

- 251 Sobre o tempo da pesquisa e a
importância da observação

Ana Angélica Albano

Capítulo 10

- 263 Por uma escola almada:
o corpo brincante e a educação
para a sensibilidade

Rosane Barbosa Marendino
Tania Marta Costa Nhary

Capítulo 11

- 277 Caminhar entre a pesquisa e a educação:
um exercício e algumas notas em favor do
caráter acontecimental do pensamento

André Bocchetti
Teresa Gonçalves



A autoetnografia como modo de habitar sensibilidades e sentidos da investigação narrativa¹

Luis Porta²
Jonathan Aguirre³

Introdução

[...] as narrativas formam um marco dentro do qual se desenvolvem nossos discursos acerca do pensamento e a possibilidade do homem e proveem a coluna vertebral estrutural e funcional para muitas explicações específicas de certas práticas educativas. Os relatos contribuem para fortalecer nossa capacidade de debater sobre

¹ Tradução: Rafael de Souza (SME-RJ) e Tiago Ribeiro (CAp-INES).

² Docente investigador da Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Mar del Plata, Argentina. Doutor em Filosofia e Ciências da Educação. Professor Titular da disciplina “Problemática Educativa” da Faculdade de Humanidades, UNMdP, categoria 1. Membro da Carreira de Pesquisador Científico de CONICET, categoria independente. Dirige o Centro de Investigações Multidisciplinares em Educação (CIMED/ UNMdP).

³ Doutor em Humanidades e Artes com menção em Educação (UNR). Bolsista de Doutorado do CONICET. Especialista em Docência Universitária (UNMdP). Desenvolve suas funções docentes na cátedra “Problemática Educativa” e “Sociologia da educação” da Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Mar del Plata. É membro do Centro de Investigações Multidisciplinares em Educação (CIMED/ UNMdP).

questões e problemas educativos. Ademais, dado que a função das narrativas consiste em tornar inteligíveis nossas ações para nós mesmos e para os outros, o discurso narrativo é fundamental em nossos esforços de compreender o ensino e a aprendizagem.

– Hunter McEwan e Kieran Egan.

Na investigação social, o trabalho de campo representa uma etapa crucial e central em que a sensibilidade e a reflexividade do investigador são postas em jogo permanentemente. Referimo-nos ao termo “campo” como o referente empírico de uma investigação. É o que se aspira interpretar e compreender, é o mundo natural e social no qual a vida dos grupos humanos que o constroem se desenvolve. Sua composição é uma rede complexa que entrelaça o espaço físico, os atores, suas atividades e seus sentimentos. Do campo, surge a informação que o investigador obtém e transforma em dados utilizáveis e suscetíveis de serem interpretados na investigação. O real se compõe, assim, não unicamente de fenômenos observáveis, mas da significação que os atores atribuem a seu entorno e à trama de ações que os envolve (Guber, 2001). O investigador cria e recria os significados do campo e acessa dois domínios diferenciais, embora indissolivelmente unidos: o universo das ações e das práticas e a dimensão dos sentidos e das representações; ambos compõem igualmente o mundo singular do trabalho de campo, que é intensamente habitado pelo investigador.

Nesse contexto, a investigação narrativa se constitui em caminho e possibilidade de brindar ao investigador um tipo de catalizador de seus próprios sentimentos, reflexividades e significações das vozes e das vivências que fazem parte do universo a indagar. A narrativa, tanto do investigador quanto dos sujeitos,

é central para interpretar e compreender o fenômeno social em sua complexidade. Bolívar e Domingo (2006) aclaram que a narrativa é um gênero relevante para representar e falar da ação na vida cotidiana e em contextos especializados. Por isso, este tipo de investigação configura um campo próprio, que adquire maior relevância a cada dia e que se viu potencializado ante a decepção pós-moderna das grandes narrativas e da reivindicação da dimensão pessoal nas ciências sociais (Bolívar; Domingo, 2006).

No presente capítulo, tentaremos dar conta de nosso processo reflexivo ao longo do trabalho de campo e das diferentes oportunidades que nos presenteia a investigação narrativa para poder explicitar tais reflexões e sensibilidades e, ao mesmo tempo, poder validá-las como instrumentos metodológicos potentes na investigação qualitativa. Especificamente, centraremos nas potencialidades e riquezas que o diário autoetnográfico outorga, entendido como uma auto-narração das próprias vivências e reflexividades do investigador no decorrer do processo investigativo. Um diário pessoal que se transforma em documento narrativo na medida em que o objetivamos e, ao voltar à narração, outorgamos-lhe diversas significações e múltiplos sentidos (Suárez, 2017).

Para tanto, nos posicionamos em uma perspectiva de pesquisa que implica em colocar a reflexividade do investigador no centro do processo. A reflexividade, assim concebida, pressupõe uma reformulação da forma e do modo de produzir o conhecimento social, tomando distância de posições objetivistas e assumindo a capacidade reflexiva dos sujeitos, que nos permite aceder às interpretações acerca do mundo social no qual sua existência se dá. Dessa forma, a narrativa, ao mesmo tempo em que no possibilita reconstruir e

reorganizar a experiência dos sujeitos através de seus próprios relatos, implica-nos emocionalmente a partir de nossas sensibilidades e sentimentos.

Recuperamos as potencialidades da autoetnografia e da autorreflexividade no trabalho de campo, posto que neste *nos sentimos pessoas junto a outras pessoas, [que ele] nos torna partícipes de dramas e de alegrias, não pelo certificado ou pela licença que dão mérito à nossa profissão, mas porque outro confiou em nosso olhar e devolveu-nos a esperança de que a comunicação é possível* (Vasilachis, 2007, p. 25), daí o valor de refletir sobre esta etapa da investigação narrativa.

O relato autoetnográfico, que é apresentado neste capítulo em forma de fragmentos, tenta dar conta de nossa própria reflexividade. Essa narrativa foi escrita no decurso do trabalho de campo e durante todo o processo de pesquisa. A escrita de nossos sentimentos, decisões, afeições, permitiu uma recursividade e uma cristalização de múltiplos sentidos que nos possibilitaram habitar a investigação assentes em outros olhares e refletir a partir das mesmas. Por essa razão, sustentamos que a escrita sobre si mesmo, isto é, o relato autobiográfico, possui um valor altamente formativo.

O dar-se conta das emoções e sentimentos, das crenças e ideologias que a experiência vivida desperta na lembrança do entorno e das circunstâncias, na passagem à palavra escrita, nas releituras sucessivas que permitem modificações, nessa feitura cuidadosa, comprometida, implicada está boa parte do potencial formativo da narração. (Souto, 2016, p. 43).

A narração, nesse sentido, não busca nem aspira à objetividade, é, porém, expressão subjetiva. A nar-

rativa escrita é justamente isso, contar a experiência vivida, escrevendo-a. Nesse sentido, e recuperando Ricoeur (2009, p. 29), *a narrativa é o lugar onde a existência humana recebe forma, onde se elabora e se experimenta na forma de uma história.*

A experiência da qual daremos conta no corpo deste artigo se desprende e é parte de uma investigação muito mais ampla: *A formação docente na Argentina. Um estudo interpretativo das políticas nacionais. O caso dos denominados 'Polos de Desenvolvimento' (2000-2001)*, desenvolvida no Centro de Investigações Multidisciplinares em Educação (CIMED) da Universidade Nacional de Mar del Plata. É parte integrante das pesquisas que o Grupo de Pesquisas em Educação e Estudos Culturais (GIEEC) realiza, desde o ano de 2003, nesta universidade, relacionadas ao enfoque biográfico-narrativo na formação de professores, às identidades docentes, às políticas públicas de formação, às paixões e emoções postas em jogo nos relatos de professores memoráveis, partindo de uma concepção de formação docente mais humanizada e humanizante, construída sobre a base de narrativas que falam de grandes continuidades entre mentores, ofícios e aprendizes, de momentos epifânicos dentro e fora das instituições escolares e a amálgama entre o profissional e o pessoal destes professores memoráveis (Aguirre, 2016; Álvares; Porta; Sarasa, 2010; Porta; Yedaide, 2013).

Referências gerais da investigação e do trabalho de campo

O Polo de Desenvolvimento era pensar esse espaço de uma instituição educativa que se transforma em algo que pode gerar um projeto que lhe dá uma vida muito mais rica, mais qualidade à formação e, ao mesmo

tempo, convoca, compartilha com outras instituições, como universidades, escolas, e ajuda outros a se desenvolverem, interna e externamente.

– Narrativa de Docente do ISFD nº 803 Puerto Madryn – Coordenadora da Equipe dos Polos de Desenvolvimento.

No ano 2000, teve início um projeto de desenvolvimento e fortalecimento, no marco do *Programa Nacional de Formação Docente* do Ministério de Cultura e Educação da Nação Argentina, coordenado por Edith Litwin e seu grupo de trabalho. O projeto Polos de Desenvolvimento teve como principal objetivo o fortalecimento e o enriquecimento da formação docente e das instituições formadoras. A partir da estimulação de propostas educativas inovadoras e com alta recuperação pedagógica, propôs-se a potencializar a formação dos futuros docentes, propondo redes de trabalho colaborativo entre as instituições educativas regionais através de linhas de especialização que os próprios atores locais escolhiam. Para a implementação do projeto, foram selecionados 84 institutos de formação de professores de todo o país, que trabalharam em rede com instituições associadas: uma universidade nacional mediante alguma unidade acadêmica (uma cátedra, um departamento, um instituto ou uma faculdade); mais de uma escola, todas elas próximas geograficamente do polo, porém com características substancialmente diversas como campo de ação educativa, e outros institutos, em uma ação concentrada com as jurisdições.

Nossa investigação tenta recuperar os potenciais de tal política pública, não desde uma abordagem clássica, na qual as normativas e os documentos oficiais são o centro da análise, mas como ponto de partida na compreensão de que as políticas públicas são redes postas em ação no território através de su-

jeitos que se apropriam, resistem, ressignificam os diversos sentidos da política pública em questão. Por isso, recuperamos as narrativas de tais atores, que nos brindam com a possibilidade de imiscuir-nos em um território pouco abordado na investigação sobre políticas públicas na Argentina e que está sujeita aos sentimentos, experiências, vivências dos sujeitos que intervieram na efetivação da política. A narrativa presenteia-nos com a oportunidade de habitar esses relatos e de interpretar o projeto Polos de Desenvolvimento alicerçados em novas perspectivas. Para tal, visitamos institutos de formação docente que foram sede do projeto e relacionamo-nos com os atores que fizeram parte deles.

Nosso trabalho de campo começou antes de visitar as instituições formadoras selecionadas. Para compreender a política de formação docente, objeto de nossa investigação, em primeiro lugar, entrevistamos todos os coordenadores e a equipe nacional do projeto Polos de Desenvolvimento. Para isso, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada. Nelas, adotou-se o enfoque (auto)biográfico-narrativo como forma de indagação na realidade educativa. O objetivo primordial deste recurso foi captar as narrações no meio mais natural possível. Dentro do tipo de entrevista em profundidade, elegeu-se *a forma estruturada, aberta, de caráter semiflexível com um roteiro de perguntas que são feitas a todos os entrevistados, ainda que não exatamente na mesma ordem* (Taylor; Bogdan, 2007, p. 100). O caráter semiaberto dessas entrevistas abriu espaço para que o entrevistado adquirisse um papel mais ativo, por momentos quase que guiando a entrevista mediante uma reconstrução entrelaçada por acontecimentos do passado em função de sua relação com o presente e com o projeto.

De ditas entrevistas – sete no total – surgiram os Institutos de Formação Docente que decidimos indagar. Aqui é quando se torna evidente que o próprio campo vai moldando a investigação e vai levando-a por caminhos que, *a priori*, não eram previstos (Gessaghi, 2016). Trabalhou-se com cinco Institutos de Formação Docente, os Institutos de Formação Docente n° 803 de Puerto Madryn (Chubut), o Instituto Integral de Educação Permanente (IIPE, de Santiago del Estero), a Escola Normal José Gorostiága de la Banda (Santiago del Estero), o Instituto n° 31 de Necochea (Buenos Aires), e o Instituto Vicente D’Abramo de Monte Grande (Buenos Aires).

Antes de visitar as instituições, foram realizadas entrevistas com especialistas do campo da formação docente com extensa trajetória acadêmica e grande incidência na produção de conhecimento do objeto de estudo. Isso permitiu, em primeiro lugar, ter o testemunho dos referentes da formação docente sobre a política coordenada por Edith Litwin e, em segundo lugar, possibilitou-nos começar a instância do trabalho de campo nas instituições com um panorama amplo e ao mesmo tempo complexo do Projeto de Polos de Desenvolvimento.

Particularmente, nosso trabalho de campo consistiu em viagens e visitas aos institutos, onde foram utilizadas diversas técnicas e instrumentos de coleta de dados. Foram realizadas entrevistas em profundidade com os membros da Equipe de Polos de Desenvolvimento, com os diretores dos institutos e com estudantes; foi possível levar a cabo grupos focais, alcançou-se um registro fotográfico de mais de 200 fotos das diversas produções e atividades que os institutos realizaram e, paralelamente a todas as visitas, foi confeccionado um diário de campo no qual fomos registrando todo o acontecido no campo.

Além disso, durante o trabalho no campo, realizamos o trabalho de arquivo, no qual foram recuperadas produções do Projeto de Desenvolvimento na instituição. Neste ponto, parece-nos interessante destacar a recuperação da perspectiva de fazer *Etnografia de Arquivo* (Rockwell, 2009, p. 157). O desafio que abordar os arquivos documentais de maneira assente em uma perspectiva etnográfica apresenta-nos é justamente poder imaginar a história não oficializada (Certeau, 1982) das instituições de nossa investigação. Dessa forma, o que enriquece a análise etnográfica das fontes oficiais e normativas é ler os discursos sobre a política como prática de um discurso (Rockwell, 2009).

A implicação e reflexão do investigador no trabalho de campo

A linguagem tem uma referência e um sujeito, um mundo e uma audiência, no mesmo nível e na mesma instância discursiva. A linguagem e a narrativa implicam, também, em uma maneira própria de designar o sujeito discursivo.

– Ricoeur.

A implicação é uma noção-chave dentro do processo de investigação em geral e da etapa do trabalho de campo em particular. Ajuda a conhecer a realidade que queremos compreender e renova a questão da subjetividade ao afirmar que a inclusão do sujeito ao conhecer, ao relacionar-se com os outros e com o mundo se dá sempre de maneira natural, fazendo parte da trama pela qual se está interessado em conhecer (Souto, 2016).

Nesse sentido, a implicação, às vezes, é inconsciente, é inerente ao ser humano. Ardoino (1997) aponta que se padece a implicação; uma pessoa não se

afeta, mas é afetada: *a implicação é aquilo pelo que nos sentimos aderidos, arraigados a algo, ao que não queremos renunciar* (Ardorino, 1997, p. 52).

Gessaghi (2016) adverte-nos que não é possível descartar ou lutar contra a implicação emocional e psicoafetiva de si como investigador. Em vez disso, é preciso aceitá-la, apropriar-se dela e utilizá-la como mecanismo potente de interpretação dos dados e do fenômeno social abordado. Que a investigação social e, particularmente, o trabalho de campo mudem os sujeitos e implique-os desde suas biografias, emoções e sentimentos e possibilite compreender que *a subjetividade do investigador não conforma um obstáculo no processo de conhecimento, se analisado com o mesmo rigor intelectual que se aplica a outro tipo de dados construídos no campo* (Gessaghi, 2016, p. 38). O seguinte fragmento do diário autoetnobiográfico explica como, durante as entrevistas, o sujeito que investiga se implica no relato do entrevistado:

Algo me aconteceu pela primeira vez, é que, à medida que fui narrando sua função como bibliotecário-arquivista na província de Chaco e que detalhava suas atividades, viagens, relação com as pessoas. Fui imaginando a paisagem e viajei com ela a esses Polos. Isto é... Em cada entrevista, viajo ao projeto Polos e imagino-os. Sinto-me mais um no relato, em sua vida. Os sentimentos estão à flor da pele na medida em que vou entrando na profundidade do objeto que estudo. Era consciente de que devia voltar ao papel de entrevistador, mas custou-me. (Diário Autoetnográfico, Cidade de Buenos Aires, 17-03-2017).

Na sala onde seria realizada a entrevista, havia cheiro de livros. É a primeira vez que tenho tempo só e em silêncio para observar e deixar-me absorver pelo clima e pelo contexto da entrevista. Pude

tomar consciência de meu papel, de objetivar-me, até que Lidia subiu com duas delicadas xícaras de café e um bule de leite para o café com leite. Tudo estava pronto para começar. (Diário Autoetnográfico, Cidade de Buenos Aires, 01-06-2017).

Na investigação qualitativa, a implicação do sujeito que investiga é parte constitutiva, ignorar tal fato seria ignorar o caráter humano da investigação. O ponto chave está em analisá-la *para não ficar cego diante de sua presença ao saber que se está aderindo de alguma forma ao que se observa, se escuta e que isso exerce influências na forma de conhecer e interpretar* (Souto, 2016, p. 112). Dentro do amplo processo de investigação, no trabalho de campo, o investigador deve fazer o exercício de explicitar e de permitir-se aproximar de seus afetamentos, porque ele mesmo se afeta e é afetado pelo campo. Esse processo de análise da implicação é uma via aberta para a investigação, é um processo que, por sua singularidade, sua complexidade e pela relação com o contexto situacional, é sempre original, inédito, irrepetível e, claro, escapa a toda tentativa de generalização da experiência, já que é o próprio investigador que se implica. Aqui começa a entrar em jogo a sensibilidade do sujeito que investiga ao mesmo tempo em que se confunde com as sensibilidades próprias do campo que está observando.

O ser consciente da implicação e afetação que se produz no investigador requer uma prática reflexiva capaz de visibilizar tais aspectos. Demanda, de alguma maneira, uma metacognição da pessoa. Sair de *si* para poder observar-se e refletir, não sendo tal caminho de reflexão simples nem isento de dificuldades.

A reflexão implica em um retorno da vista, da atenção, do pensamento a algo ou a alguém para

permitir, a partir da capacidade de reflexividade do sujeito, que a ação que tomou certa direção possa modificar-se nesse movimento de retorno que permite questionar, seguir pensando, conceitualizar, captar o sentido e o vivido, modificar. (Souto, 2016, p. 76).

Isso se manifesta na narrativa que apresentamos a seguir, em que é possível observar claramente a implicação que, em alguns momentos, acontece nas entrevistas:

Desfrutei do grupo focal com os professores do ISFD N°35. Mais ainda: não queria terminar. Por momentos, vinham à minha mente os autores da bibliografia de metodologia que li antes de visitar o instituto. Aqui me dou conta da importância da teoria no trabalho de campo. Pude ver, na prática, o que os autores recomendavam. Creio que, ademais, pus em jogo tudo o que sou. (Diário Autoetnográfico, Cidade de Buenos Aires, 13-06-2017).

Novamente, a ansiedade cobre-me por completo. Em poucas horas, viajo à Córdoba para entrevistar uma referência do projeto Polos. Espero poder controlar a ansiedade. (Diário Autoetnográfico, Cidade de Córdoba, 24-04-2017).

Com Mariana foi nosso terceiro encontro; me senti bem recebido e cuidado. Ela foi extremamente generosa, recebeu-me em sua casa, tomamos o café da manhã juntos. Isto aconteceu depois de vários encontros; a confiança foi sendo gerada pouco a pouco. A confiança entre investigador e investigado foi consolidando-se à medida que o entrevistado se dá conta da seriedade e do profissionalismo do investigador [...]. Aqui pude ver o que a teoria e a bibliografia sustentam sobre o vínculo entre os sujeitos na investigação. (Diário Autoetnográfico, Cidade de Buenos Aires, 01-06-2017).

A reflexão é tal, tanto caso de voltar a uma situação, a uma decisão tomada em campo, a um sentimento durante uma entrevista ou a uma simples ideia expressa na escrita; *abre, no tempo presente, múltiplas leituras para indagar, encontrar novos significados e sentidos para a experiência e para a prática profissional* (Souto, 2016, p. 77). Neste mesmo sentido, a reflexividade no trabalho de campo aportará a diferenciação dos contextos, a detectar cotidianamente a presença dos próprios marcos interpretativos e o dos informantes, *ajudando a elucidar como cada um interpreta essa relação, em busca de tornar possível o estabelecimento de um nexos progressivo entre ambos os universos* (Guber, 2001, p. 213).

O trabalho reflexivo do investigador o faz voltar a *si mesmo* enquanto sujeito e a suas ações para gerar transformação nos vínculos, nos modos de ser docente, na relação com o saber, nos sofrimentos e afetações que o trabalho de pesquisa acarreta, o que necessariamente significa mudanças na própria subjetividade. É a reflexão que mobiliza, questiona e, concomitantemente, produz novos saberes. É por isso que compreendemos a reflexão como um processo recursivo e não linear, com idas e vindas conjuntas, ondas do pensar, do conhecer, do sentir, do atuar.

Contudo, no trabalho de campo, especialmente na investigação narrativa, não só se apresenta uma reflexividade, mas são postas em jogo diversas reflexividades. Primeiramente, a reflexividade do investigado como membro de uma sociedade ou cultura, em seguida a reflexividade do investigador, que segue determinada perspectiva teórica e, por último, as reflexividades dos atores no estudo (Guber, 2001). A seguir, explicitamos dois traços das entrevistas mais difíceis que surgiram. Elas significaram esse encontro de am-

bas reflexividades que se configuraram em uma experiência altamente formativa:

A entrevista que acabo de fazer foi a mais difícil que fiz até o momento. Sinto que ambos, entrevistador e entrevistado, nos testamos, nos medimos até onde estávamos dispostos a indagar, a responder a cada um. Foi a entrevista mais difícil, porém, ao mesmo tempo, me ensinou, porque nem começamos e a entrevistada deixou claros sua postura e posicionamento. Isso me ensinou que explicitar a estrutura guia das perguntas antes de gravar é central para gerar confiança no entrevistado e para saber até onde está disposto a narrar e, ao mesmo tempo, aprendi que a sinceridade e humildade são a chave de todo encontro entre sujeito que investiga e sujeito investigado, porque foi a partir desses lugares que pudemos encontrarmo-nos. (Diário Autoetnográfico, Cidade de Córdoba, 28-04-2017).

Por um momento, tive vontade de interromper a entrevista porque sentia que não respondia com comodidade e que suas respostas não aportariam em demasia à reconstrução da experiência. Depois, lembrei de minha ansiedade e que devia dar-lhe tempo e dar-me tempo para pensar estratégias metodológicas que ajudem à entrevistada a recordar de sua experiência e a gerar o clima propício para que possa liberar-se [...]. Logo após esse momento, decidi perguntar questões relativas ao trabalho em equipe durante o projeto e questões mais vinculares. Então ela se sentiu mais cômoda e relaxada e pôde expandir-se mais. Ao terminar a entrevista, fui embora com a sensação de ter tomado decisões concretas no meio da entrevista e o poder dar-me tempo e espera. (Diário Autoetnográfico, 23-03-2017).

O ponto nodal da reflexividade é considerar o homem como parte do mundo social interagindo, observando e participando, com outros homens, de um

contexto e de uma situação espaço-temporal determinada e, a partir daí, considerar o investigador como parte do mundo que estuda. Como apontam Hammerley e Atkinson (1994, p. 40) *ao incluir nosso próprio papel dentro do foco de investigação no mundo que estamos estudando, podemos desenvolver e comprovar a teoria sem ter que recorrer a inúteis chamadas ao empirismo, em sua variedade naturalista ou positivista*. Assim, concebemos a reflexividade do investigador no trabalho de campo a partir da qual *descrever uma situação é construí-la* (Vasilachis, 2007, p. 115). A reflexividade emerge como suporte e, ao mesmo tempo, dinâmica básica da proposta etnográfica, sustentada na relação que se estabelece entre dois sujeitos interagindo e participando. De tal maneira compreendida, a reflexão é uma prática de implicação e, portanto, deve ser posta em análise no próprio processo reflexivo, ainda quando se trata de refletir sobre um objeto outro, outro sujeito, distinto de si mesmo (Souto, 2016).

A investigação narrativa é o contexto propício para potencializar a reflexividade do investigador e utilizá-la como metodologia qualitativa potente para interpretar os dados da investigação. A narrativa se transforma em catalizador dos sentimentos, emoções, afetações do próprio investigador no processo do trabalho de campo. Narrar as próprias sensações à medida que vão surgindo se transforma em um elemento potente de meta-cognição do processo de pesquisa. Assim, a narrativa nos presenteia a possibilidade de materializar e de visibilizar, realçar, a própria subjetividade do investigador social.

Surpreendeu-me estar trabalhando na Biblioteca Nacional do Professor e dizer... Sou bolsista do Conicet⁴ e sentir-me investigador. O mais importan-

⁴ Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas, Argentina.

te foi quando encontrei, assim, fortuitamente, na sala de documentação, o informe final da Gestão de Edith Litwin, onde se detalhava o projeto de Polos de Desenvolvimento, objeto de minha tese. A alegria me invadiu como quando a alguém é desvelado um mundo desconhecido. (Diário Autoetnográfico, 29-03-2017).

Hoje cheguei a Buenos Aires para começar meu trabalho de campo. Às 8h30, estava na estação de Retiro. Novamente senti o mesmo que na primeira vez em que viajei a Rosário para iniciar meu doutorado. Ansiedade, temor de não cumprir a entrevista, preocupação para que o início seja promissor e possa ter um bom trabalho de campo. Agora lembro das palavras de Gessaghi (2016), quando sustentava que o início do trabalho de campo geralmente é angustiante, porque só no final é possível ver o trabalho realizado. Estou em meio a essa sensação, mas confiante. (Diário Autoetnográfico, 30-11-2016).

Assente nesta lógica, as investigações de corte narrativo não apenas permitem que os atores investigados narrem suas vidas ressignificando-as desde o presente, mas fazendo alusão ao rastro do passado que marca, que habilita o investigador a se pôr no lugar do sujeito narrador de sua própria vida em relação à investigação e ao trabalho em campo. É por isso que, como aponta Guber (2001, p. 54), *o conhecimento é revelado não ao investigador, mas no investigador, devendo comparecer no campo, devendo reaprender-se e reaprender o mundo desde outra perspectiva.*

Por essa razão, o trabalho de campo é uma etapa apaixonante da investigação e é comparável a uma ressocialização do sujeito investigador, ou melhor, como uma viagem odisséica⁵ cheia de desafios, con-

⁵ A categoria *viagem odisséica* é nativa das investigações reali-

tratempos e surpresas que o próprio campo vai outorgando à medida que se caminha nele.

O trabalho de campo na investigação narrativa: Uma “viagem” apaixonante.

Estou saindo para Mar del Plata da estação de Retiro, escrevendo no ônibus. Um sorriso se esboça em meu rosto pela satisfação do trabalho cumprido. Por fim, após idas e vindas, e-mails e encontros suspensos, pude concretizar a entrevista com a coordenadora do projeto de Polos. Foi a primeira entrevista em profundidade que fazia referência ao projeto. Me senti confortável, quicá a calidez da entrevista e seu compromisso com o objeto de estudo da tese fez com que eu me sentisse tranquilo e seguro ao mesmo tempo [...]. Quando nos despedimos e nos cumprimentamos, senti que começava um caminho que é promissor e potente. Hoje iniciei a apaixonante viagem do trabalho de campo, sem saber o que me espera.

– Diário Autoetnográfico. Cidade de Buenos Aires, 01-12-2016.

A relevância do trabalho de campo está vinculada, em primeiro lugar, a uma tradição antropológica para a qual a realização de dito trabalho supõe uma decisão e um posicionamento incindível da prática de investigação. Não só se trata de ir a um lugar, mas de uma maneira de *estar* e, mais ainda, de uma forma de posicionar-se no campo.

Sem dúvidas, a implicação do trabalho de campo tem um referente inevitável nas proposições de Malinowski (1995, p. 22), para quem tal trabalho pressupõe, basicamente, a realização da observação participante como o caminho a recorrer na busca pelo conheci-

zadas pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Estudos Culturais (GIEEC), dirigido por Luis Porta e localizado na Faculdade de Humanidades da Universidade Nacional de Mar del Plata, Argentina.

mento da cultura, especialmente para compreender o ponto de vista dos atores sociais. Daí em diante, põe-se em marcha uma perspectiva de trabalho que, além de vertebrar o exercício do ofício antropológico, marcou decididamente a investigação social.

Referir-se ao campo implica um lugar particular, aquele no qual os atores sociais desenrolam suas vidas, onde se encontram, interatuam, onde são geradas e produzidas situações e acontecimentos que demandam nossa atenção. Nas palavras de Guber (2001, p. 84), *o campo se converte em referente empírico da investigação, no entanto enquanto tal, é o resultado de uma construção levada a cabo pelo próprio investigador e seus informantes*. Aqui se destaca a importância da própria subjetividade do investigador e o componente biográfico do mesmo na hora de construir o campo.

Nesse contexto, a descrição etnográfica no campo e sua interpretação *mobiliza a totalidade da sensibilidade do investigador e lhe conduz através da visão, da audição, do olfato, do tato e do paladar para deter-se às diferentes sensações encontradas e detalhadas minuciosamente* (Rockwell, 2009, p. 115). Ingressar no trabalho de campo, como sustenta Ges-saghi (2016), geralmente é angustiante e excitante ao mesmo tempo, porque se está fazendo questões que apenas no final do trabalho encontrarão sentido dentro de um todo organizado e interpretado.

Por esta razão, o ingresso no “campo” e fazer trabalho etnográfico implica em uma aprendizagem para o investigador. Uma aprendizagem que requer mudanças e transformações na experiência da investigação em geral e no trabalho de campo em particular, na qual se intensifica a capacidade do investigador de perceber a realidade, mas onde, por outro lado, agudi-

za sua exposição na mesma, com as implicações que isto assume no nível de mobilizações internas e emoções diversas. Como aponta Galindo Cáseres (1998, p. 71), *a experiência da investigação social muda os sujeitos, os reconfigura, em alguns casos intensificando percepções prévias, em outros transformando profundamente*. De alguma maneira, o trabalho de campo implica em uma sorte de artesanaria intelectual (Alliaud, 2017), posto que se coloca na prática de um ofício ao mesmo tempo em que converte e constitui o investigador como principal instrumento de investigação no campo.

A experiência do campo e o trabalho interpretativo devem transformar a consciência do investigador e modificar sua maneira de perceber os processos sociais (Rockwell, 2009). Não se sai indene do trabalho de campo; o terreno sempre transforma (Gessaghi, 2016). Transforma porque mobiliza a totalidade da inteligência e da sensibilidade do investigador. Isto impulsiona ter um olhar flexível, propenso a deixar-se impressionar pela realidade, sensível ao diverso, porém atento ao imprevisível que está no cotidiano (Vasilachis, 2007).

A metáfora da viagem nos proporciona a possibilidade de reinterpretar o que para nós significa a instância do trabalho de campo. Disse Gessaghi (2016, p. 40) a respeito: *esse início do trabalho de campo foi como o de uma viagem na qual as coordenadas da proximidade e da distância não deixaram de se deslocar*. Compreender o trabalho de campo com base na metáfora da “viagem” demanda pensarmos em nós mesmos como viajantes empreendendo um caminho que *a priori* se apresenta incerto e angustiante, mas que, à medida que conhecemos, experimentamos, no encontramos com outras pessoas no meio desse ca-

minho, essa viagem se torna prazerosa e convida-nos a conhecer cada vez mais lugares.

As viagens a Buenos Aires me são mais familiares e o metrô já começa a ser parte da paisagem da investigação. Volto na linha D, passando as estações, pensando que cada entrevista realizada é um passo a mais na direção do objetivo da investigação e, ao mesmo tempo, se transforma em pequenos ensinamentos formativos. (Diário Autoetnográfico. Cidade de Buenos Aires, 23-03-2017).

Em uma viagem sempre acontece um encontro. As viagens são encontros. Viaja-se para encontrar: para encontrar cidades, para encontrar costumes, para encontrar práticas sociais, para encontrar pessoas. Se alguém viaja com a ideia do encontro, aberto ao encontro, seguramente dele sai profundamente enriquecido, como se sai das viagens (Álvarez; Porta; Sarasa, 2010).

No trabalho de campo, devemos necessariamente ter a capacidade de assombrar-nos, de estarmos abertos ao espontâneo e circunstancial que acontece em nossa visita ao campo. Não é possível ingressar nele sem ter a sensibilidade, a abertura e o olhar flexível ao espontâneo que, por momentos, o próprio campo oferece. De igual maneira ocorre nas viagens. Deixamos nos assombrar pelas paisagens, pelas cidades, pelas culturas, nos deixamos assombrar pelo novo, experimentando-o através de todos os sentidos. Essa, precisamente, há de ser a atitude do investigador no trabalho de campo (Vasilachis, 2007). Um exemplo dessa situação no campo foi um encontro fortuito:

A viagem começou falando do clima, da universidade, do painel que devia expor no congresso, todas as palavras para passar o tempo. Eu, um bolsista, estava levando uma reitora de universidade para o

hotel no marco da I Fábrica de Ideias que aconteceu em Mar del Plata. Tudo mudou quando me perguntou sobre meu trabalho no Grupo de Pesquisa. Expliquei-lhe que era bolsista e que investigava um projeto de formação docente chamado Polos de Desenvolvimento. O ar foi cortado por alguns segundos quando ela responde: “Não me diga! Eu fui assessora do Polo de Desenvolvimento de Chaco”. Aí me veio à mente a ideia do imprevisível do campo. O campo cobra vida própria e te leva por caminhos inesperados. Imediatamente lhe perguntei se poderia entrevistá-la. Ela me disse que com todo o prazer me concederia a entrevista. Uma jogada do destino me pôs ali e eu devia aproveitá-la. Era minha primeira entrevista com uma assessora do projeto Polos. (Diário Autoetnográfico. Cidade de Mar del Plata, 23-03-2017).

Sem dúvidas, o viajante não é o mesmo ao retornar da viagem (Álvarez; Porta; Sarasa, 2010). Quando se volta de uma viagem, a pessoa não é a mesma que iniciou o caminho ao desconhecido. A pessoa retorna com outras vivências, outras paisagens, tendo se relacionado com outros sujeitos, outras culturas. Pois, da mesma forma que uma viagem transforma o viajante, o trabalho de campo o faz com o pesquisador. O investigador social não é o mesmo ao retornar do campo. Não é o mesmo pelo simples fato de que algo em sua subjetividade, em sua sensibilidade, em sua biografia mudou. O contato com o campo, com pessoas, com instituições transforma, educa, produz uma nova reflexividade no sujeito que investiga. Nesse sentido, Rockwell (2009, p. 196) argumenta que *a experiência etnográfica, no campo e no arquivo, transforma nossas maneiras de pensar e de ver, inclusive de ser.*

Hoje, no Instituto, sinto que estou dentro do Polo de Desenvolvimento. Durante o grupo focal, sinto

que já não era o mesmo, que havia aprendido, que toda a experiência havia sido altamente formativa para mim. Por momentos voltava a minhas classes de biologia do ensino médio enquanto os docentes narravam suas atividades em ciências naturais. Isto me fez consciente do quanto de minha biografia está posta em jogo na investigação. Realmente, não sou o mesmo que entrou no instituto e muito menos o mesmo que iniciou este diário no começo do trabalho de campo. (Diário Autoetnográfico. Monte Grande, Buenos Aires, 16-06-2017).

Saí do campo, do instituto, com certa nostalgia. Deixar o trabalho de campo gera certo duelo ou vazio, porque uma etapa é terminada, mas se inicia uma nova na investigação. Sinto que me envolvi muito, sinto que aprendi muito. (Diário Autoetnográfico. Monte Grande, Buenos Aires, 16-06-2017).

Nessa mesma linha, sustentamos que o trabalho de campo é um retornar permanente a si mesmo. Uma viagem que sempre provoca a voltar ao que se é, a como se vê e a como entende os fenômenos que nos rodeiam. É, em alguma medida, voltar à sua própria narrativa, à sua própria subjetividade:

Sem dúvida, considerar que este é o centro, o miolo do processo do qual se fala, tem a ver com um pressuposto: o retorno a si, se efetivamente produzido, permite ampliar o conhecimento que o sujeito investigador tem sobre seus marcos referenciais operantes e possibilita-lhe aumentar o conteúdo que conterà seu parêntese durante a análise no campo. (Fernández, 2011, p. 58).

O investigador saberá mais de si mesmo depois de ter se colocado em relação com os atores no campo, precisamente porque, a princípio, só sabe pensar, orientar-se aos demais e formular perguntas a partir de seus próprios esquemas. Porém, no trabalho de

campo, aprende a fazê-lo assente em outros marcos de referência com os quais necessariamente se compara (Guber, 2001).

Por último, o processamento e interpretação dos dados recuperados em campo levam o investigador a um retorno a essa viagem realizada anteriormente e, assim, a poder *narrar a experiência vivida* (Rockwell, 2009, p. 195). Não é uma simples narração descritiva, mas uma onde o pesquisador põe em jogo suas interpretações, seus marcos teóricos, suas vivências e, sobretudo, sua própria subjetividade, posto que os dados recuperados do campo são verdadeiras construções do investigador após interpretar o objeto de estudo.

Pensar o trabalho de campo com base na metáfora da viagem ajuda a compreender ainda mais o que o investigador social sente, experimenta e vive ao realizá-lo. Uma viagem que, como dissemos, por vezes se torna complexa, instável, angustiante, incerta, mas que, concomitantemente, é altamente formativa, que transforma o pesquisador, enriquecendo seu olhar e, principalmente, lhe oportuniza voltar a si mesmo e reencontrar-se.

Relatos subjetivantes: Potencialidades do registro autoetnográfico na investigação (auto)biográfico-narrativa

Entendemos como narrativa a qualidade estruturada da experiência entendida e vista como um relato, por outro (como enfoque de investigação), as pautas e formas de construir sentido, a partir de ações temporais pessoais por meio da descrição e análise dos dados biográficos. É uma particular reconstrução da experiência pela qual, mediante um processo reflexivo, se dá significado ao sucedido ou vivido.

– Bolívar.

Como sustentamos em linhas anteriores, entendemos o processo de pesquisa como um processo reflexivo. Tal processo possibilita nos darmos conta e explicar nossas próprias ações e a diversidade de condicionantes que as determinam. Assim, a reflexão permite levar em conta a relação entre teoria e prática, entre pensamento e ação (Sanjurjo, 2002).

Utilizar instrumentos metodológicos como o diário autoetnográfico implica em inscrevermos fortemente em uma perspectiva interpretativa selada nas ciências sociais a partir do chamado *giro hermenêutico*. Esse paradigma privilegia o acesso ao mundo das interpretações (Geertz, 1994), restaurando o valor das significações que os sujeitos outorgam ao mundo, em um esforço para *compreender* as intenções humanas (Bruner, 1998). Os *textos* construídos pelos atores sociais, inevitavelmente contextuais e complexos, tornam-se, deste modo, fonte de conhecimentos relevantes como experiência no mundo, irreduzíveis às explicações causais e, simultaneamente, isentos das “garantias” dos métodos clássicos das ciências físicas e naturais (Bolívar, 2016).

Entendemos, nesse contexto, que as narrativas estão presentes em todos os aspectos da vida, abrangendo desde memórias pessoais até a literatura e a ciência, a fotografia e a arte. Não há registros narrativos únicos, em vez disso são múltiplos e polifônicos (Porta, 2015). A partir dessa perspectiva, a narrativa combina o relato com o conhecimento e a compreensão daquilo a que se está referindo (Martin, 2008).

Nos últimos anos, Clandinin e sua equipe de trabalho têm enriquecido ainda mais o mundo da indagação narrativa, utilizando a prática reflexiva para ajudar distintos profissionais a se aprofundarem em suas identidades pessoais e profissionais (Clandinin; Cave,

2011). Dessa maneira, a investigação narrativa tornou-se uma pedagogia na educação (Huber *et al*, 2013).

Seguindo a senda hermenêutica traçada por Gadamer (1996), Ricoeur (2009) aponta que a narrativa está intimamente relacionada ao problema da identidade pessoal e às aporias temporais. Assim, o estudo sobre a identidade pessoal e a identidade narrativa é apresentado a partir desse autor como um trabalho filosófico reflexivo, de meditação, uma atividade interpretativa. É a partir da narrativa que se resolvem os paradoxos da identidade pessoal, *a pessoa entendida como um personagem do relato não é uma entidade distinta de suas experiências, muito pelo contrário: partilha do regime da identidade dinâmica própria da história narrada* (Ricoeur, 2006, p. 147).

Alicerçado neste mundo de significações, refletir sobre as implicações do diário autoetnográfico como uma das técnicas metodológicas que utilizamos em nossas investigações provoca, também, uma reflexão sobre o próprio estudo da narrativa e sobre a própria subjetividade do investigador social. Connelly e Clandinin (1995) afirmam que o estudo da narrativa é o estudo da forma através da qual os seres humanos experimentam o mundo:

A razão principal para o uso da narrativa na investigação educativa é que os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que vivem vidas relatadas. [...] Por isso, dizemos que a narrativa é tanto o fenômeno que se investiga como o método de investigação (Connelly; Clandinin, 1995, p. 11).

Dessa maneira, como primeira aproximação, poderíamos dizer que o diário autoetnográfico representa justamente a forma através da qual o investigador

experimenta, sente, pensa e vive o processo de pesquisa. O diário autoetnográfico é por si só uma narrativa produzida pelo sujeito que investiga os efeitos de poder explicitar as diversas vivências, sentimentos, interpretações que vai registrando e sentindo ao longo não só do processo de investigação, mas, particularmente, no próprio trabalho de campo.

É, como argumentam os autores, um relato pessoal do investigador onde fica explícita a sua própria subjetividade: *A narrativização da vida em um autorrelato textualiza a vida, textualiza as experiências vitais e as converte em um texto* (Bolívar; Domingo; Fernández, 2001, p. 31).

Relatar ou narrar as experiências no processo de investigação é uma forma de habitar nossos próprios sentidos e nossas próprias palavras. Assim, a escrita do diário autoetnográfico é *uma forma no espaço que prefigura o habitar de nossas ideias* (Martínez; Bengoa, 2016, p. 47) ao mesmo tempo em que se transforma *em uma aventura levada a cabo na ocupação do espaço* (Martínez; Bengoa, 2016, p. 48).

A seguir, os fragmentos mostram pinceladas de sentimentos e emoções que o investigador coloca em jogo em relação ao trabalho de campo. Destacamos a figura do orientador como guia, acompanhante e mestre no processo:

Simplesmente tinha necessidade de escrever o que estou pensando e sentindo após um janeiro de trabalho caloroso em Mar del Plata. [...] Com o trabalho em capítulos da tese, me dou conta de como se vai madurando e entrando pouco a pouco na tese. Vou entendendo processos e armando em minha cabeça o esqueleto do documento final (a sinto tão distante e, ao mesmo tempo, se torna pouco a pouco tão íntima). (Diário Autoetnográfico. Monte Grande, Buenos Aires, 16-06-2017).

Temo que esteja com dificuldades para abandonar o campo, sinto que sempre se pode buscar mais, que me faltam dados. A figura do orientador se torna cada vez mais importante, porque marca os tempos e os fechamentos. Já é hora de abandonar o campo e compreender a nova etapa da tese. (Diário Autoetnográfico, 1-06-2017).

Às 15h, saí para ir à casa da antiga assessora do Programa de Formação Docente que marcou o Projeto de Polos de Desenvolvimento. Pensar que há alguns anos lia seus trabalhos e agora me encontro indo à sua casa. Aqui aparece outro rastro e aprendizagem. Lembro que meu orientador contava sobre seu costume de comprar biscoitos finos antes de visitar um entrevistado. É um gesto que cria o clima de cordialidade e confiança entre ambos os sujeitos da investigação. No caminho para a casa da assessora, recordei do relato de meu orientador e disse: "Por que não fazê-lo eu também?". Rastros que surgem no momento menos esperado. Assim, passei por uma padaria, comprei 250g de biscoitos e me dirigi ao encontro. (Diário Autoetnográfico. Cidade de Buenos Aires, 1-06-2017).

No diário autoetnográfico entendido como relato, o sujeito repensa e reinventa suas experiências no campo, as interpreta tomando autoria dos fatos e, portanto, podendo imaginar possibilidades de atuação futuras diferentes. É, em definitivo, um registro de experiências, um conhecimento consciente da singularidade de cada indivíduo (Bolívar; Domingo; Fernández, 2001). A partir do narrar nossos afetamentos e emoções, que conformam nossa própria subjetividade, nos transformamos em narradores de experiências e práticas de investigação. E, assim, toda narração autobiográfica já pressupõe, em si mesma, uma interpretação, construção e recriação de sentidos, leituras do próprio mundo e da própria vida.

Diferentemente de um diário de campo, o diário autoetnográfico que utilizamos em nossas pesquisas recupera o que o investigador vai sentindo, não só no momento do trabalho de campo, mas ao longo do processo investigativo. Assim, o diário se torna um tipo de uma bitácula onde ficam registradas emoções, ansiedades, preocupações, alegrias, desafios, decisões que vai o investigador experimentando e que juntas implicam uma aproximação metacognitiva do processo de investigação.

Quando terminei a entrevista com Elisa, peguei o metrô para a 9 de Julho.

Lá, me esperava meu pai para que empreendêssemos a viagem de volta a Mar del Plata. Como de costume, tomei um café para esperá-lo e, enquanto isso, me dispus a passar a conversa do gravador para o notebook e para o pen drive. Quando conectei o gravador ao notebook, o mundo se deteve por alguns segundos. O gravador ficou em branco e não respondeu mais. O arquivo estava dentro e não pude baixá-lo. [...] a viagem de volta foi difícil, minha ansiedade estava à flor da pele. Pensava permanentemente nas variantes que tinha, devia fazer a entrevista novamente, viajar de novo [...]. Chegando a Mar del Plata, o gravador desligou-se, ficou sem bateria. Pensei que quando o conectasse novamente recuperaria o arquivo. Chegamos às 23h e a primeira coisa que fiz foi verificar se ele funcionava e se o arquivo estava nesse. Felicidade e aprendizagem. Foi uma aprendizagem enorme. Serviu para eu saber que tenho de confiar mais. Também entender que nem tudo depende de mim nem de minha responsabilidade. Tive sorte em meu trabalho de campo, não tive maiores contratempos. Tenho de relaxar mais e saber que os tempos são distintos na tese e na investigação. Aprendi a controlar, em parte, minha ansiedade e isso é bom. (Diário Autoetnográfico. Cidade de Buenos Aires, 3-08-2017).

A partir do registro autoetnográfico, o investigador pode reconstruir a investigação assente em um lugar reflexivo, analisando o processo desde outra magnitude. O que tentamos fazer a partir do diário autoetnográfico é tomar consciência do processo investigativo experimentado. O diário outorga a possibilidade de, uma vez concluída a investigação, realizar a metacognição da mesma. É, de alguma maneira, a consciência e a consideração por parte da própria pessoa de suas estratégias e processos cognitivos (Souto, 2016). Assim, refletir sobre a ação realizada implica tanto na possibilidade de melhorar a própria aprendizagem como, também, a capacidade de conhecer e melhorar as próprias capacidades e limitações.

A tarefa do investigador está atravessada por uma infinidade de tensões ao longo do processo de investigação. Essas tensões, em certas ocasiões, estão relacionadas às decisões que vai tomando em conjunto com o orientador na eleição e abordagem do tema e da bibliografia, na estrutura do trabalho, no trabalho de campo, na interpretação dos dados obtidos e, particularmente, no trabalho de escrita final.

O relato autoetnográfico constitui o âmbito fundamental para organizar a experiência da investigação, para expor nossas intuições a partir dos referentes empíricos que vão nos revelando no campo (Vasilachis, 2007). É, ao mesmo tempo, uma oportunidade para detectar inclinações pessoais, situações ou vivências que podem de alguma maneira incidir no mesmo. A relação entre o pessoal, o emocional e o intelectual se transforma mediante a análise reflexiva que encontra, no diário autoetnográfico, o espaço propício para sua manifestação (Hammersley; Atkinson, 1994, p. 183).

Nesta instância, o instrumento básico de toda investigação qualitativa, particularmente da investigação narrativa, é o próprio investigador, suas apreciações e experiências, o que sente e lhe passa, distintas situações e acontecimentos vividos que confluem no processo de construção social do conhecimento.

Neste contexto, a autorreflexividade emerge como suporte e, concomitantemente, como dinâmica básica da proposta etnográfica, posto que, sem uma verdadeira introspecção nas reflexividades do investigador, não se pode alcançar uma interpretação complexa do objeto que se indaga. Ou seja, toda situação que se observa é construída com base em nossa subjetividade. Explicitá-la aporta não só uma validação metodológica, mas permite enriquecer o olhar e aceitar que nossa subjetividade e implicação como sujeitos estão presentes na interpretação dos dados recolhidos no campo. A reflexividade do investigador se transforma no eixo do trabalho etnográfico.

A narrativa e o enfoque narrativo vêm auxiliar o investigador etnográfico. Tal enfoque permite ao sujeito que investiga narrar suas sensações, medos, angústias, alegrias, afetações e emoções que vai vivendo e experimentando ao longo do trabalho de investigação, particularmente na instância do trabalho de campo. Narrar nossas experiências e nossas decisões em campo permite obter um novo instrumento de coleta de dados, mas, ao mesmo tempo, implica na utilização dessas mesmas narrações como elemento catalítico (Yedaide; Alvarez; Porta, 2015) do trabalho de investigação. A narrativa, assim, se torna um bálsamo que nos presenteia a possibilidade de *encontrar a voz do coração [...], a busca de nossa própria voz interior* (Najmanovich, 2014, p. 58). Permite-nos,

de alguma maneira, objetivar nossa própria subjetividade e, ao fazê-lo, tomamos consciência, também, de nossos processos de formação como investigadores, daí a *validade catalítica* da narrativa (Anderson; Herr, 2007).

Em nosso caso, à medida que avançava a investigação e nossas visitas ao campo, fomos narrando, contando, fazendo uma autorreflexão de nossas vivências e experiências em um diário autoetnográfico. Fomos documentando narrativamente tudo que sentimos, vivemos, fomos e somos em torno do processo de investigação. Em dito registro, entendido como relato, repensamos e reinventamos nossas sensações, as interpretamos assumindo autoria dos fatos e, portanto, pudemos imaginar possibilidades de atuação futuras. É, definitivamente, um registro de experiências, um conhecimento consciente da singularidade de cada indivíduo (Bolívar; Domingo; Fernández, 2001).

Do ponto de vista metodológico, utilizamos o registro escrito para dar conta do que fomos vivendo ao longo do processo de investigação. O diário foi sendo completado à medida que habitávamos cada vez mais os territórios do campo. Entrevistas, grupos focais, visitas a institutos de formação docente, viagens, encontros, conversas com colegas, tudo foi registrado a partir de nossa vivência e sentimentos. O texto construído foi sendo ressignificado com o tempo e foi constituindo-se numa malha de experiências altamente formativas e profundamente subjetivas.

A narrativa autoetnográfica como miscelânea de significações e cristalização de sentidos⁶

A escrita e a narrativa romperam o limite imposto pela existência humana: a morte. A escrita permite não só deixar marcas que perduram para além da própria existência, mas, também, mensagens que falam da posterioridade [...].

– Assmann.

Tentamos, neste capítulo, habilitar a reflexão em torno da implicação e das sensibilidades que são postas em jogo pelo investigador ao longo do processo de investigação, especialmente na instância do trabalho de campo. Implicação, reflexão e narração foram os conceitos que vertebraram o trabalho e que configuraram os elementos centrais, se o que se pretende é expor os processos vitais que vão acontecendo na pessoa do investigador ao longo do processo de investigação. Ao caracterizar a narrativa autoetnográfica como miscelânea de significações (PORTA, 2017), fazemos referência à polifonia de significados que o narrador vai entretecendo à medida que narra suas próprias experiências. No relato se produz, inevitavelmente, a recursividade dos significados que o pesquisador outorga a suas interpretações e vivências.

No ir e vir da interioridade à palavra escrita, do vivido à lembrança, do voltar a atenção aos nossos sentimentos desde outro lugar, faz-se com que, por vezes, o trabalho de escrever, de narrar, forme, eduque. Quem narra suas experiências, suas emoções, seus

⁶ Recuperado da Conferência de Abertura *A narrativa biográfica como miscelânea de significações e cristalização de sentidos*, ministrada pelo Dr. Luis Porta, no marco da II Fábrica de Ideias (Histórias e práticas) realizadas na cidade de Mar del Plata (Argentina), nos dias 7, 8 e 9 de setembro de 2017.

medos, afetações e alegrias pode abrir seu pensar e sua própria subjetividade e, assim, aprender do já vivido, ressignificando-o, atribuindo-lhe novos sentidos. Partir da aceitação de que o sujeito que investiga se implica e, ao implicar-se, o entorno e sua própria reflexividade em relação ao objeto de estudo requer a necessária explicitação e todo esse caminho que o investigador percorre. Assim, *a narrativa é o lugar onde a existência humana toma forma, onde se elabora e se experimenta em forma de história* (Ricoeur, 1999, p. 29).

O escrever sobre si mesmo adquire significados fortes em nossa cultura. O autobiográfico narrativo-reflexivo ajuda a construir a existência de um sujeito autor de si mesmo, que se inscreve na sociedade desde este lugar (SOuto, 2016). Os relatos autobiográficos permitem conhecer mais a si mesmo, conhecer mais os outros, outros que olham, nos refletem. Aqui radica a potência do diário autoetnográfico na investigação qualitativa. O registro, ademais de ser uma peça metodológica válida e importante aos efeitos de reconstruir o campo e o que sucede nele, é potente em relação ao próprio relato do investigador, que se configura em autonarração subjetivante. Nós, como investigadores, não escapamos dessa implicação assinalada com anterioridade. Manifestá-la e analisá-la se torna indispensável para a própria investigação, posto que se explicitam os próprios processos vitais do sujeito que interpreta o objeto de estudo.

Provavelmente, na epistemologia clássica, a manifestação das emoções, afetações, desejos e temores mediante relatos pessoais não tenham um lugar de destaque. Porém, para aquelas epistemologias narrativas *outras*, que se posicionam em formas alternativas de produzir conhecimento, recuperar as vozes e

as subjetividades dos atores imersos nos processos de investigação se torna altamente potente e extremamente enriquecedor. A inclusão da subjetividade e do sujeito é face predominante do narrativo, daí a incorporação desse enfoque em nossas investigações. Documentar narrativamente o que somos e o que fazemos se torna nodal para habitar novos territórios metodológicos e epistemológicos.

Para concluir o capítulo, escolhemos uma narrativa que justamente define o trabalho de campo como esse salto ao vazio que só no final do processo poderemos articular em sua totalidade. Entretanto, ao mesmo tempo, arriscar-se com metodologias “outras” também implica um salto para o desconhecido, mas com a serena certeza de que esse caminho deixa marcas altamente formativas em nosso ser como investigadores e como pessoas.

Creio que não me dou conta dos pequenos passos que vou dando porque o olhar está sempre posto no futuro, mas hoje, que estou próximo de concluir meu trabalho de campo, sinto que cresci e que foi um tempo de profunda aprendizagem e conhecimento de mim mesmo. Em uma aula, explicitiei que o trabalho de campo é um salto para o vazio. Uma colega, que participava dessa disciplina, me enviou uma mensagem dizendo... com tuas palavras, lembrei da pintura de Yves Klein, um salto ao vazio, obrigado pela lembrança e pelo depoimento. Essas são coisas que nos marcam. (Diário Autoetnográfico. Mar del Plata, 3-08-2017).



Yves Klein. O homem no espaço.
O pintor do espaço se atira ao vazio, 1960.

Referências

AGUIRRE, J. *La amalgama formación profesional-valores personales en la buena enseñanza de los profesores memorables de la carrera Profesorado en Historia de la UNMDP*. 2016. Monografía (Especialização em Docencia Universitaria), UNMDP, Mar del Plata, 2016.

ALLIAUD, A. *Los artesanos de la enseñanza: acerca de la formación de maestros con oficio*. Buenos Aires: Paidós, 2017.

ALVAREZ, Z; PORTA, L.; SARASA, M. La investigación narrativa en la enseñanza: las buenas prácticas y las biografías de los profesores memorables. *Revista de Educación*. ano 1, v. 1, 2010.

ANDERSON, G.; HERR, K. El docente-investigador: la investigación-acción como una forma válida d generación de conocimientos. In: SVERDLICK, I. et al. (orgs.). *La investigación educativa: Una herramienta de conocimiento y de acción*. Buenos Aires: Noveduc, 2007.

ARDOINO, J. *La implicación*. Conferencia. Madrid: UNAM, 1997. Mimeo.

ASSMANN, J. Mas allá de la voz, más allá del mito. *Revista Humboldt*, ano 44, n. 137, 2002.

BOLÍVAR, A.; J. DOMINGO; M. FERNÁNDEZ. *La investigación biográfica narrativa en educación: enfoque y metodología*. Madrid: La Muralla, 2001.

_____. ¿Se nobis ipsis silemus? Epistemología de la investigación biográfico narrativa. *Revista Electrónica de investigación educativa*, Ensenada, v. 4, n. 1, 2002.

_____.; DOMINGO, J. La investigación biográfica y narrativa en Iberoamérica: Campos de desarrollo y estado actual. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, v. 7, n. 4, 2006.

_____. *Conferencia*. In: III Simposio Internacional de Narrativas en Educación. Medellín: Universidad de Antioquia, 2016.

BRUNER, J. *Realidad mental, mundos posibles*. Barcelona: Gedisa, 1998.

CERTEAU, M. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CLANDININ, D. J.; CAVE, M. T.; CAVE, A. Narrative reflective practice in medical education for residents: Composing shifting identities. *Advances in Medical Education and Practice*, Princeton, n. 2, 2011.

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, J. Telling teaching stories. *Teacher Education Quarterly*, v. 21, n. 1, 1995.

FERNÁNDEZ, L. La investigación institucional de organizaciones educativas. Algunos aportes de estudios realizados en el Programa "Instituciones educativas de UBA". *Revista PRAXIS*. Año 2011, n. 14, 2011.

GADAMER, H. *Verdad y método*. Salamanca: Sígueme, 1996.

GALINDO CÁCERES, J. *Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación*. México: Pearson Educación, 1998.

GEERTZ, C. *Conocimiento local*, ensayo sobre la interpretación de la cultura. Madrid: Paidós, 1994.

GESSAGHI, V. *La educación de la clase alta argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.

GUBER, R. *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Norma, 2001.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. *Etnografía y método de investigación*. Barcelona: Paidós, 1994.

HUBER, J. et al. Narrative inquiry as pedagogy in education. The extraordinary potential of living, telling, retelling, and reliving stories of experience. *Review of Research in Education*, n. 37, 2013.

HUNTER, M.; KIERAN, E. *La narrativa en la enseñanza, el aprendizaje y la investigación*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.

MALINOWSKI, B. *Los argonautas del Pacífico Occidental*. Barcelona: Península, 1995.

MARTIN, V. *A narrative inquiry into the effects of serious illness and major surgery on conceptions of self and life story*. 2008. Tese. University of Bristol, Bristol, 2008.

MARTÍNEZ, C.; BENGEOA, G. *Habitares: los croquis de la palabra*. Mar del Plata: Eudem, 2016.

PORTA, L.; YEDAIDE, M. La pasión educa: enunciaciones apasionadas de profesores memorables universitarios. *RAES: Revista argentina de educación superior*, año 5, n. 6, 2013.

_____. Revisitando “viejos” textos latinoamericanos desde la “actualidad” de las Pedagogías Críticas. Claves para discutir líneas de continuidad o de ruptura. *Revista de Educación*, año 6, n. 8, 2015.

_____. *La narrativa biográfica como magma de significaciones y cristalización de sentidos*. Conferencia de Apertura. II Fábrica de Ideas (Historias y Prácticas). Mar del Plata, 2017.

RICOEUR, P. *Tiempo y narración III: el tiempo narrado*. Madrid: Siglo XXI, 1999.

_____. *Si mismo como otro*. México: Siglo XXI, 2006.

_____. *El conflicto de las interpretaciones: ensayos de hermenéutica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2015.

ROCKWELL, E. *La experiencia etnográfica*. Buenos Aires: Paidós, 2009.

SANJURJO, L. *La formación práctica de los docentes: reflexión y acción en el aula*. Rosario: Homo Sapiens, 2002.

adrienne ogêda guedes & tiago ribeiro (orgs.)

SOUTO, M. *Pliegues de la formación: sentidos y herramientas para la formación docente*. Rosario: Homo Sapiens, 2016.

SUÁREZ, D. Docentes, relatos de experiencia y saberes pedagógicos: la documentación narrativa de experiencias en la escuela. *Investigación Cualitativa*, v. 2, n. 1, 2017.

TAYLOR, S.; BOGDAN, R. *Introducción a los métodos cualitativos de investigación*. 2ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2007.

VASILACHIS, I. *Estrategias de investigación cualitativa*. Buenos Aires: Gedisa, 2007.

YEDAIDE, M. M.; ALVAREZ, Z.; PORTA, L. La investigación narrativa como moción epistémico-política. *Revista Científica Guillermo de Ockham*, v. 13, n. 1, 2015.